

O TEMPO DE TRABALHO - 1919-2019

Um centenário incómodo: ainda as 8 horas? Debate sobre o tempo de trabalho hoje

Em 1919, por iniciativa do ministro do trabalho Augusto Dias da Silva, do antigo Partido Socialista Português, o Decreto nº 5516 instituiu em Portugal o tempo máximo de 8 horas de trabalho por dia (e de 48 horas semanais) para funcionários públicos e para os trabalhadores no comércio e indústria em geral. Ainda deixava de fora os sectores mais numerosos à época, os trabalhadores rurais e os criados domésticos, equiparando a estes últimos os empregados da restauração. Também não se aplicava às colónias portuguesas nas quais a lei do Indigenato enquadrava as relações de trabalho. Mas ia mais longe para bancários e empregados de escritório, estipulando, para estes, um máximo de 7 horas diárias.

As 8 horas já tinham um século de reivindicações em 1919. Contudo, em 1900, no Porto, em ramos como o da refinação de açúcar ou o dos *ateliers* de costura, ainda se chegava a trabalhar 15 horas diárias. A redução para metade do tempo de trabalho, que entre 1880-1920 todos os países em vias de industrialização fizeram, começou mais tarde em Portugal mas fez-se mais depressa.

O que dizer da grande “estabilização” que se seguiu? Nos cem anos posteriores ao Decreto 5516 a produtividade média deverá ter crescido, no mínimo, à volta dos 4% ao ano, mas a jornada de 8 horas manteve-se a norma. É verdade que, pela luta dos Trabalhadores, o “dia” deixou de ser a única variável na negociação social do tempo de trabalho: a semana, o mês, o ano e a vida ativa foram entrando nos processos contratuais. A semana encurtou, os dias de férias aumentaram, a carreira laboral foi regulamentada. Contudo, em Portugal, as 48 horas só passaram a 40, por lei, em 1991, e somente para os trabalhadores não operários da Administração Pública. Só em 1996, finalmente, foram estendidas as 40 horas a todos os Trabalhadores com progressividade a dois anos, apesar de, na prática, a sua efetiva implementação só se verificar alguns anos mais tarde, num duro processo de luta contra os subterfúgios e a resistência patronal. Ao mesmo tempo, e em sentido contrário, a mecanização fez aumentar a intensidade do trabalho e a flexibilização dos horários (o trabalho por turnos, por exemplo, está em crescimento rápido, bem como a generalização despropositada da laboração contínua).

Em Portugal continua-se a trabalhar mais tempo que a média europeia. Continuam a não ser tidas em conta profissões de elevado desgaste para os Trabalhadores como critério para a redução das cargas horárias. O debate sobre a redução do tempo de trabalho continua a ser negligenciado, mesmo em situações de elevados níveis de taxa de desemprego. Salário real, emprego, contratação coletiva, ocupam grande parte da discussão contemporânea acerca do trabalho. Será então verdade, como dizia Lafargue, que uma “estranha loucura se está a apossar das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista” e que essa “loucura consiste no amor ao trabalho”? Ou, pela natureza do modo de produção capitalista, a classe exploradora “prefere”, como resposta à luta dos Trabalhadores, o aumento circunstancial e episódico dos salários, ao invés do mais perene e eficaz efeito da redução da exploração através da redução dos horários de trabalho?

O debate que propomos sobre a redução do tempo de trabalho poderia talvez dispensar estas provocações com mais de 130 anos; em contrapartida, parece mais urgente do que nunca!

Data: 11 de Novembro de 2019

Local: FLUP - Sala de Reuniões

Organização: DHEPI, CEAUP, USP/CGTP-IN

Painel 1 – A negociação do tempo de trabalho – 1919-2019
10:30h – 12:30h

Luís Carvalho - CEAUP - *A luta pela redução do horário de trabalho entre 1910 e 1933 - o contributo dos caixeiros.*

Manuel Freitas - Dirigente e Responsável pela Negociação Coletiva da Fesete - *A luta pela efetivação das 40h, no respeito pelos direitos.*

Vítor Ranita – ex-Coordenador da União dos Sindicatos do Porto e do C. Nacional da CGTP - IN *Do Decreto Lei 5516/1919 à atualidade.*

Maciel Santos - DHEPI/CEAUP – *Reduzir o tempo de trabalho para mudar de civilização – vista rápida sobre o caso português (1974-2019).*

Painel 2 – O tempo de trabalho - o que está em jogo hoje?
15:00h – 17:00h

Cristina Parente - DS-FLUP – *A qualidade de tempo de trabalho.*

Marisa Ribeiro – Coordenadora Regional do CESP, Membro do C. Nacional da CGTP-IN - *Horários de Trabalho - Equilíbrio entre a vida profissional e familiar. Perspetiva sindical.*

Stefano Belluci - IS Amsterdam - *The Working Day and The Eight-Hour Movement: A Global and Historical Approach.*

Tiago Oliveira - Coordenador da USP/CGTP-IN. Membro do C. Nacional da CGTP-IN e do seu Executivo - *A redução dos horários de trabalho. Uma reivindicação histórica e de todos os dias.*